

O procedimento acima descrito pode ser racionalizado examinando-se o que acontece com um tetraedro orientado na projeção de Fischer, quando o grupo de menor prioridade d se movimentará para a posição oposta à do observador. Na passagem de A para B, a molécula é inclinada para trás, em torno do eixo horizontal. Na operação seguinte, B para C, d é forçado a ficar na posição oposta à do leitor. Observe que a configuração do sistema é R.

Na outra alternativa, o tetraedro D é girado para trás, em torno do eixo vertical, gerando E. Na passagem de E para F, o tetraedro é girado novamente com a finalidade de fixar d no lado oposto ao do observador. A configuração obtida é S. Portanto, apenas quando o grupo de menor prioridade d estiver no eixo horizontal é que ocorre um aparente cruzamento de letras ao se proceder a operação de posicionar d ao lado antagônico ao do observador.

Referências Bibliográficas

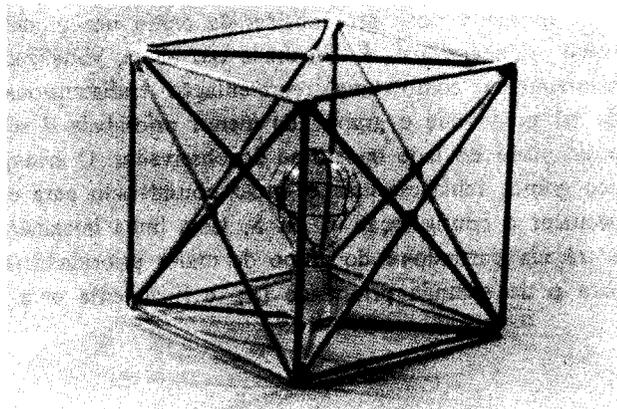
1. R.S. Cahn, C.K. Ingold e V. Prelog, *Angew. Chem. Int. Ed. Engl.*, 5, 385 (1966).
2. Uma excelente discussão contendo tabelas de prioridades de átomos ou grupos é feita no Apêndice 2 das regras de nomenclatura da IUPAC, seção E, *Pure & Appl. Chem.*, 45, 13 (1976).
3. R.A. Dietzl, *J. Chem. Ed.*, 56, 451 (1979).
4. J.P. Idoux, *J. Chem. Ed.*, 50, 553 (1982).
5. G.A. Epling, *J. Chem. Ed.*, 59, 650 (1982)
6. Uma boa discussão sobre as projeções de Fischer pode ser encontrada no livro de N.L. Allinger, M.P. Cava, D.C. de Jongh, C.R. Johnson, N.A. Lebel, C.L. Stevens, "Química Orgânica", Editora Guanabara Dois, 2ª edição, 1978, pág. 91.

NOTAS CURTAS

MODELOS DE BAIXO CUSTO PARA CRISTALOGRAFIA

A figura abaixo ilustra um modelo simples de cela unitária, construída com palitos de churrasco e cola. Esquadros e fita adesiva podem ser utilizados na sustentação do modelo, na fase de colagem. Um balão de fundo redondo é introduzido à guisa de esfera de projeção. Sua aplicação

na UFV tem dado bons resultados, principalmente como recurso de aula expositiva e de laboratório.



Roberto Andrea Müller
 Dep. de Química
 Univ. Federal de Viçosa

CARTAS AO EDITOR

Senhor Editor

Acabo de ler o artigo de Ana M. da C. Ferreira, Henrique E. Toma e Antonio C. Massabni, *Química Nova* 7(1), 9-15 (1984), sobre a nomenclatura em Química Inorgânica, que considero importante e bem vindo. Com efeito, já tarda uma solução para este problema da Nomenclatura Química em língua portuguesa. Isto já devia ter sido resolvido há muito tempo. Por razões que não importa discutir, não o foi. O resultado é que cada um tem suas regras próprias e as aplica como bem entende, causando confusão e, às vezes, conflitos desnecessários. Isto aparece evidente, mas o fato de não ter vingado a resolução da Assembléia da SBQ em 1978 (S. Paulo), em que se solicitava toda a atenção da comunidade para o problema e em que até se criou uma Comissão de Nomenclatura Química, parece indicar o contrário. É portanto duplamente bem vindo o artigo em questão. Para que não fique, entretanto, nos autores a mesma sensação de vazio que me causou o fato de não ter recebido, pelo menos formalmente, comentários e críticas a respeito de meu próprio trabalho (*Química Nova* 5(3), 67-104 (1982) da parte de meus colegas de língua portuguesa (os três pedidos de cópia que recebi me vieram da Itália, da Tchecoslováquia e da Alemanha (!), sendo que o último